

A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância¹

(Sisterhood in cyberspace: feminist ties in militancy)

Dantielli Assumpção Garcia¹, Lucília Maria Abrahão e Sousa²

Universidade de São Paulo (USP)

dantielligarcia@gmail.com, luciliamsr@ffclrp.usp.br

Abstract: This work, from the theoretical perspective of French Discourse Analysis, aims at analyzing the fanzine called *Reajá*, produced by the collective of The SlutWalk from Campinas. We attempt to understand how a saying about women and about their relationships with other women gathers significance in society and starts circulating in cyberspace. By analyzing how the notion of “sisterhood” gathers significance in the fanzine, we reflect upon how the feminist ties are designed and circulate in contemporary society and on the network, seeking to break with sayings already engraved in the memory of society about what it means and what it does not mean to be a woman. Moreover, we intend to reflect upon how it is discursively materialized what some authors have been referring to as cyber militancy, which leads to claims, to protests, by nullifying the so-called dominant discourses and producing a different one about/by women and their sisterhood relationships.

Keywords: The SlutWalk; woman; fanzine; sisterhood; militancy.

Resumo: Este trabalho objetiva, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa, analisar o zine *Reajá*, produzido pelo coletivo da Marcha das Vadias de Campinas. Almejamos perceber como um dizer sobre a mulher e sobre suas relações com outras mulheres ganha sentido na sociedade e passa a circular no ciberespaço. Analisando como a noção de “sororidade” significa no zine, refletiremos como os laços feministas são formulados e circulam na sociedade contemporânea e na rede, buscando romper com dizeres já estabilizados na memória da sociedade sobre o que é e não é ser mulher. Além disso, pretendemos refletir sobre o modo como é materializada discursivamente a cibermilitância, norteados por reivindicações, protestos, furando os discursos legitimados como dominantes e produzindo um outro discurso sobre/da mulher e suas relações de sororidade.

Palavras-chave: Marcha das Vadias; mulher; zine; sororidade; militância.

Introdução

Neste trabalho, filiados à Análise de Discurso francesa (Pêcheux, 1997), analisaremos um post publicado inicialmente na página do Facebook Lovelove6 e que passa a circular também na página do Facebook da Marcha das Vadias de Campinas. Esse post divulga um zine, produzido pela Marcha das Vadias de Campinas, o qual busca levar a mulher, militante ou não, a refletir sobre sua posição na sociedade contemporânea, sobre as formas de violência contra o feminino e sobre as relações que as mulheres estabelecem umas com as outras. Ao divulgar na rede o zine *Reajá*, relações de alianças entre diferentes grupos feministas são estabelecidas. Partindo da noção de *sororidade* como “aliança feminista entre mulheres”, “dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo”, pretendemos refletir como os laços feministas constituem-se na rede e convidam as

¹ Este texto faz parte do projeto de pós-doutorado “A Marcha das Vadias nas redes sociais: efeitos de feminismo e mulher”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, proc. n. 2013/16006-8), que tem como objetivo central analisar a formulação, a constituição e a circulação de um discurso sobre a mulher na contemporaneidade e no ciberespaço.

mulheres a militarem, seja no ciberespaço ou no espaço urbano, pelas causas femininas/feministas.

Ao analisarmos o zine, buscaremos mostrar como se constitui um discurso da instrução, o qual busca ensinar as mulheres a se reconhecerem como mulheres, a reconhecerem um possível homem violento, a desconstruírem a desigualdade entre homens e mulheres, a se libertarem e se empoderarem na sociedade. Nessa análise, pretendemos perceber como o sujeito feminino, em suas experiências de sororidade, constrói sua imagem, que dizeres ele assume/milita no ciberespaço, que interditos busca divulgar na rede e fazer circular na sociedade.

Para tanto, nosso trabalho divide-se em três momentos. Inicialmente, traçaremos uma discussão acerca do que são os (fan)zines, como se estruturam, como funcionam e passam a circular na sociedade, esteja esta na rede ou não. No segundo momento, refletiremos sobre o feminismo, sua história e seu funcionamento na contemporaneidade, na sociedade em rede. Por fim, analisaremos, mobilizando a noção de interpelação ideológica, o zine *Reajá*, do coletivo da Marcha das Vadias de Campinas, mostrando como os sentidos de sororidade são postos em circulação em um discurso da instrução que ensina as mulheres a como (re)agirem na sociedade machista que busca silenciar o feminino. Assim, na análise, explicitaremos como, ao trazer para a discussão temas polêmicos, os movimentos feministas que circulam e militam na rede buscam romper com sentidos estabilizados sobre as relações entre homens e mulheres na sociedade patriarcal. Assim, o ciberespaço permite a militância, permite a discussão de temas que afetam o funcionamento urbano. Na rede, confrontos surgem na tentativa de fundar outros discursos à sociedade, outras formas de relações entre os sujeitos que não sejam sustentadas por um discurso patriarcal, misógino.

(Fan)Zine: um espaço de contestação

Nesta parte de nosso trabalho, discutiremos o que são os (fan)zines, como estes se estruturam, como circulam na sociedade. Essa reflexão nos auxiliará na compreensão do zine *Reajá*, produzido pelo coletivo da Marcha das Vadias de Campinas.² Esse zine passa a circular na página do coletivo do Facebook a partir de uma postagem da página da Lovelove6. A Lovelove6 é uma página no Facebook de “desenhos, zines, quadriños, catnip”, com “imagens explícitas e mensagens políticas” e é elaborada por Gabriela Masson, feminista e estudante de Licenciatura em Artes Plásticas da Universidade de Brasília (UnB). A artista produziu em 2013 os zines *Ética do Tesão* na *Pós-Modernidade* e, atualmente, organiza o zine *Artemise* e a série *Garota Siririca* (Facebook Lovelove6). Abaixo, a imagem do compartilhamento do zine e o estabelecimento das relações entre páginas de coletivos feministas:

² Coletivo é um grupo de indivíduos que divide os mesmos interesses, posicionamentos, e milita por uma causa comum. Os coletivos feministas são grupos de mulheres, principalmente, que militam por uma posição legitimada a elas na sociedade. Nesses grupos, inúmeras discussões, intervenções acerca do universo feminino são realizadas. O coletivo feminista da Marcha das Vadias surgiu a partir de um episódio ocorrido na Universidade de Toronto em janeiro de 2011 quando o policial Michael Sanguinetti, em uma palestra nessa universidade, recomendou que as “mulheres evitassem se vestir como putas para não serem vítimas de estupro”. Como reação a essa fala que culpabiliza a vítima, foi organizada em abril do mesmo ano, no Canadá, a primeira SlutWalk – a Marcha das Vadias. Esse movimento rapidamente se espalhou pelo mundo, sendo também realizado em diversas cidades brasileiras.



Figura 1. Marcha das Vadias no Facebook

De acordo com Magalhães (1993, p. 9), os fanzines surgem na década de 1930, nos Estados Unidos, com publicações ligadas à ficção científica. Contudo, o termo “fanzine” só foi criado em 1941 por Russ Chauvenet a partir da contração dos termos *fanatic* e *magazine*, isto é, o “magazine do fã”. O fanzine, define Magalhães (1993, p. 9), é:

Uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fãs clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido e abordando, quase sempre, um único tema.

Registramos que, nesses termos, o fanzine permite a emergência de dizeres que não comparecem nas mídias denominadas dominantes, tampouco nos espaços massivos de circulação do discurso jornalístico; organiza-se a partir de outros efeitos, quais sejam, aqueles inscritos pela singularidade de seus autores, também responsáveis pela produção e distribuição do material. Apontamos que tal espaço inscreve o silenciado, abre espaço para a emergência de sentidos tidos como indesejáveis e rompe com a regularidade dos dizeres sobre a mulher. O zine *Reajá*, por exemplo, foi elaborado pelo coletivo da Marcha das Vadias de Campinas, tem como temas, relativos à mulher, o feminismo, a sororidade, a violência, o prazer; e interpela o feminino, convidando as mulheres a refletirem sobre sua posição na sociedade patriarcal. Esse zine passa a circular no ciberespaço a partir da postagem, como já salientamos, da Lovelove6 e atinge um público atento às questões que tocam o universo feminino/feminista e que está presente na rede.

Como salienta Magalhães (1993, p. 10), os fanzines “são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com o lucro, portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendagem crescentes”. A publicação do zine *Reajá* representará o discurso da Marcha

das Vadias de Campinas. Esse movimento feminista tenta mostrar à sociedade que a mulher tem voz, tem desejos, sabe o que espera da vida. Em um discurso instrucional, o coletivo interpela as mulheres a entender como a sociedade é machista e violenta o feminino a todo o momento. Magalhães (2003, s.p.) coloca que os fanzines são “frutos também de grupos marginalizados cultural e geograficamente, bem como porta-vozes de um tipo de contracultura que denominamos genericamente de underground, alternativa ou independente”.

O zine *Reajá* funciona como porta-voz do movimento feminista da Marcha das Vadias. Ao discutir sobre feminismo, mulher, machismo, violência, traz à tona dizeres que a sociedade patriarcal busca silenciar. O zine, ao circular também na rede, faz funcionar um discurso de resistência feminista, o qual tenta confrontar a sociedade sobre a forma como tem tratado a mulher. O fanzine é considerado como imprensa alternativa, pois “sua produção é independente dos circuitos comerciais, sua linguagem discursiva e estética procura ser inovadora e apresenta conteúdo quando não contestatório ao mesmo com um ângulo raramente focado pela grande imprensa” (MAGALHÃES, 1993, p. 14). Articulando tal definição com o campo do discurso, especialmente com o pensamento de Michel Pêcheux (1997), anotamos que o fanzine rompe com “o que pode e deve ser dito” na formação discursiva dominante midiática, apontando a emergência de um dizer tecido nas margens que instala efeitos imprevisíveis e inesperados para o tema mulher.

O zine *Reajá*, filiado a um discurso contestatório, produz sentidos ao sujeito feminino pouco explorado pela grande imprensa. No zine, a imagem da mulher não é a da submissa que deve sofrer calada a qualquer forma de violência, mas sim a mulher empoderada, que tem relações de sororidade com outras mulheres, que busca (re)agir contra os discursos machistas e patriarcais que a violentam. Ao produzir e fazer circular o zine, o coletivo da Marcha das Vadias, portanto, dá voz ao sujeito feminino e mostra que o movimento ainda tem muito a dizer para a sociedade contemporânea que agora vive conectada ao ciberespaço.

O movimento feminista brasileiro: uma história

Passaremos agora a discorrer sobre o movimento feminista brasileiro com o intuito de compreender as condições de produção de um discurso feminista no século XXI. Em *Uma história do feminismo brasileiro* (2003, p. 9), Pinto ressalta que escrever uma história desse movimento não é uma tarefa fácil, pois “se trata de um fenômeno que ainda vivemos de forma muito presente e sobre o qual ninguém, homens ou mulheres, nas últimas décadas, ficou imune a ter uma opinião”. No intento de construir a história do feminismo, pesquisadoras propuseram sua organização em ondas. A chamada primeira onda do feminismo aconteceu, como aponta Pinto (2010, p. 15), a partir das últimas décadas do século XIX, quando “as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto”. No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto:

As *sufrajetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino,

organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. (PINTO, 2010, p. 15-16)

A década de 1970 foi marco inaugural da segunda onda feminista na América Latina que, desde a década anterior, desenvolvia-se nos Estados Unidos e em diversos países da Europa. Como aponta Cestari (2013, p. 1472):

Na “segunda onda feminista”, as mulheres ampliaram sua atuação na política, historicamente uma arena de participação majoritária de homens, e também questionaram a concepção de política vigente. “Politizar o privado” seria uma bandeira fundamental encampada por diferentes vertentes do movimento feminista e que não se restringia a este movimento, relacionando-se ao contexto político dos anos 1960-1970. É deste momento a consigna ainda atual que denuncia a opressão que a mulher sofre também no âmbito doméstico e questiona a divisão entre público e privado.

Sarti (2004, p. 36) ressalta que, embora influenciado pelas experiências europeias e norte-americanas, o início do feminismo no Brasil dos anos 1970 “foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar em 1964”. De acordo com Pinto (2003), foi no período ditatorial brasileiro que se pôde identificar uma aproximação maior dos movimentos de mulheres com o poder governamental. Nessa época, a população feminina lutava não somente pelo fim da ditadura, mas também e, principalmente, pelo fim da condição de dominação e submissão histórica e social da mulher. Para a autora, o ano de 1975 foi muito significativo para os movimentos de mulheres no Brasil, não só pela decisão da ONU de definir essa data como Ano Internacional da Mulher, mas também pela criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. Esse centro foi criado no Rio de Janeiro a partir de um evento realizado por um grupo de mulheres que tinham o propósito de comemorar a instituição do Ano Internacional da Mulher. A fundação do Centro foi o primeiro passo para tornar público e institucionalizado os movimentos de mulheres.

Na década de 1980, com a anistia, as mulheres que estavam na Europa e nos Estados Unidos, como exiladas, trouxeram para o Brasil uma nova forma de pensar a condição do sujeito feminino, em que a posição histórica de mãe de família, de dona de casa, de rainha do lar, passou a ser desconstruída. Foi nessa época também que o tema da violência contra a população feminina foi pela primeira vez discutido oficial e publicamente. Pinto (2010, p. 17) nos diz:

Uma das mais significativas vitórias do feminismo brasileiro foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, que, tendo sua secretária com status de ministro, promoveu junto com importantes grupos – como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília – uma campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional.

Do esforço resultou que a Constituição de 1988 é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo. O CNDM perdeu completamente a importância com os governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. No primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, com status de Ministério, e foi recriado o Conselho, com características mais próximas do que ele havia sido originalmente.

É a partir desse contexto histórico-ideológico que objetivamos analisar o zine *Reajá*. Buscaremos flagrar como, na contemporaneidade, o sujeito-mulher busca criar espaços de resistência e de militância por um novo dizer sobre o que é ser mulher e sobre o que é feminismo no século XXI.

O zine *Reajá*: a sororidade em circulação

Antes de analisarmos o zine *Reajá*, exporemos as noções teóricas que estamos mobilizando para a análise. Consideramos para o zine as noções de “ideologia” e “sujeito”. Pretendemos refletir sobre o modo como o sujeito-mulher é interpelado pelo discurso feminista para desidentificar-se com o discurso dominante (machista) e identificar-se com o discurso feminista e, assim, ocupar a posição sujeito-mulher-militante.

A Análise de Discurso busca ressignificar a noção de ideologia considerando a noção de linguagem. Trata-se de propor uma definição discursiva de ideologia, a qual leva também em consideração o inconsciente. Como diz Henry (1994): “o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. A ideologia é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. Partindo da afirmação de que ideologia e inconsciente são estruturas-funcionamentos, Pêcheux (1997) afirma que sua característica comum é dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências: a evidência do sentido e a evidência do sujeito.

A evidência do sentido, como coloca Orlandi (2002, p. 46), faz com que uma palavra designe uma coisa, apaga seu caráter material, ou seja, faz ver como transparente aquilo que constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas. Já a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Nos dizeres de Pêcheux (1997, p. 163):

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito de seu discurso, se efetua pela identificação fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

O assujeitamento, para a Análise de Discurso, é a própria possibilidade de ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz). Sendo assim, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. Desse modo, o sujeito na Análise de Discurso não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Sujeito interpelado pela ideologia, sujeito inscrito em uma posição, sujeito dividido por sentidos que o atravessam à revelia de uma escolha voluntária porque cancelado pela ideologia e pelo desejo. Pela interpelação ideológica do sujeito feminino, a posição sujeito-mulher é constituída por um discurso patriarcal, machista, que coloca a mulher em lugar de submissão, de sexo frágil, de objeto. Em um discurso da militância feminina, a mulher, em sua posição de mulher-militante, desidentifica-se com esse discurso patriarcal, possibilitando o surgimento de um discurso feminista. Indursky (2008,

p. 5), retomando as ideias de Pêcheux, ressalta que “desidentificar-se implica não mais estar identificado com uma determinada formação discursiva porque, de fato, este mesmo sujeito já identificou-se com uma outra formação discursiva”. É esse o funcionamento observado no zine *Reajá* em que há uma desidentificação com a Formação Discursiva Machista e a inscrição de dizeres identificados com a Formação Discursiva Feminista.

Orlandi (2012, p. 230), ao teorizar sobre a resistência do sujeito, ressalta que a questão da resistência do sujeito “está, de um lado, vinculada à relação entre forma-sujeito-histórica e individuação pelo Estado; do outro, pelo processo de identificação do sujeito individuado com a formação discursiva em sua vinculação ao interdiscurso”. Ao se identificar, aponta Orlandi (2012, p. 230), é possível a ruptura. Nas palavras da autora (2012, p. 230-231):

Somos sujeitos interpelados pela ideologia e é só pelo trabalho e pela necessidade histórica de resistência que a ruptura se dá quando a língua se abre em falha na falha da ideologia, enquanto o Estado falha, estruturalmente, em sua articulação do simbólico com o político não é, pois pela magia, nem pela vontade, mas pela práxis que a resistência toma seu lugar.

É nesse funcionamento ideológico da resistência, de não identificação a que a mulher militante buscará constituir-se em sua posição-sujeito e interpelará outras mulheres a acompanharem na resistência ao discurso patriarcal. É na práxis da militância, no espaço urbano e no ciberespaço, que a mulher produzirá dizeres sobre o feminino e fará circular sentidos que a diz como um sujeito com voz. É o caso do zine *Reajá*.

Esse zine foi produzido pelo coletivo da Marcha das Vadias de Campinas em novembro de 2013 e passa a circular no ciberespaço em fevereiro de 2014 nas páginas do Facebook da Lovelove6 e da Marcha das Vadias de Campinas. Inicialmente, o zine circula, provavelmente no espaço urbano e, após a publicação da Lovelove6 passa a ter o ciberespaço como um outro lugar de circulação. Como aponta Mittmann (2009, p. 1) – refletindo sobre a apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais –, o ciberespaço se oferece aos movimentos sociais como mais um lugar de manifestação daquilo que é silenciado na grande mídia. Nos dizeres da autora (MITTMANN, 2009, p. 1):

Enquanto a grande mídia serve ao poder político-econômico como instrumento de controle da circulação de discursos e, portanto, controle da interpretação para a perpetuação desse poder, a apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais – enquanto movimentos à margem do sistema – tem sido um forte instrumento de enfrentamento às dominâncias, furando esse controle e provocando novas formas de produção e circulação de discursos.

É esse o funcionamento da página do Facebook da Marcha das Vadias de Campinas. Pela publicação de postagens (vídeos, textos, imagens, zines, etc.) há um enfrentamento do discurso dominante patriarcal, na tentativa de furá-lo e mostrar para a sociedade o que pensa e diz a mulher. Há, pelo movimento feminista, a formulação de um discurso de denúncia das violências que as mulheres sofrem; de um discurso da instrução, o qual busca ensinar a mulher a como agir em situações de violência; de um discurso do prazer, que mostra à mulher que esta pode ter desejos, sejam sexuais ou não, que esta pode ter prazer. Temos um convite feito às mulheres para que estas militem por um outro dizer sobre o feminino. O convite surge no ciberespaço, mas as ações são para serem sentidas

no espaço urbano, público. A rede potencializa a circulação desses dizeres. Conforme Mittmann (2009, p. 2):

A circulação – antes limitada a redes menores, a pequenas comunidades – hoje é potencializada. E a possibilidade de entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, tem permitido aos movimentos sociais a divulgação em grande escala de discursos de denúncias, de convocações ao internauta, de estabelecimento de relações de aliança com outros movimentos etc.

É essa divulgação que temos na página do Facebook. Ao divulgar o zine *Reaja*, convoca-se a mulher a lutar pelas causas feministas. A capa do zine já aponta para isso:



Figura 2. Zine *Reaja*

Temos a imagem de uma mulher que se encontra em atitude de tristeza, exclusão, submissão. O coletivo a interpela pedindo que esta reaja. Há um convite para que essa mulher lute pelas causas feministas. Essa luta é para ser agora. No título do zine, além da leitura do verbo *reagir*, temos também a leitura do advérbio *já*. Isto é, a mulher tem que reagir agora, neste exato momento. A luta não será só dela, mas de todas as mulheres, uma vez que “mexeu com uma, mexeu com todas”. O braço erguido aponta para a luta feminista e a interpelação ideológica do sujeito feminino é para que se junte a essa luta. As primeiras páginas do zine interpelam a mulher questionando-a em relação às reações diante de “brincadeiras” machistas:



Figura 3. Zine Reajá

O uso de aspas mostra uma não concordância do coletivo em considerar formas de machismo como brincadeiras. Ao interpelar a mulher, o discurso, de certa forma, a coloca como culpada por esse tipo de “brincadeira” tão comum na sociedade patriarcal. A exposição a esse tipo de violência simbólica levaria as mulheres a aceitarem o machismo, a serem tolerantes. O machismo, no dizer do coletivo, vem “disfarçado” e é ele que as mulheres devem combater. Há a interpelação para que a ruptura ao discurso machista seja produzida. O coletivo ensina as mulheres a como reagirem diante de “brincadeiras” machistas que “alegram o ambiente”: 1. Dizer que não acha graça; 2. Não ter senso de humor; 3. Não corroborar com atitudes que perpetuam o machismo. Ao agir assim, pelo dizer da Marcha, as mulheres estariam encorajando outras mulheres a terem voz. A ruptura está em dar voz à mulher para que esta diga não ao machismo. Na imagem, o fato do homem estar jogando (semelhante a uma embaixadinha de futebol) com a cabeça da mulher aponta para uma violência que afeta o psicológico dela. Essa imagem mostra como a sociedade tenta jogar com o que pensam as mulheres a ponto de levarem-nas a “perder a cabeça”. Não ter cabeça seria também não ter voz, não ter nada a dizer ou pensar sobre sua posição na sociedade.

Anotamos que a forma de instalar tais efeitos é bastante singular, seja pelas letras (algumas manuscritas), seja pela diagramação, seja pela presença de imagens. Todos esses elementos fazem falar outra estética, quase um artesanato da palavra, muito diferente daquela padronizada pela formatação do discurso jornalístico tido como oficial. O coletivo traz inúmeros questionamentos sobre atitudes do homem e da sociedade em relação às mulheres:

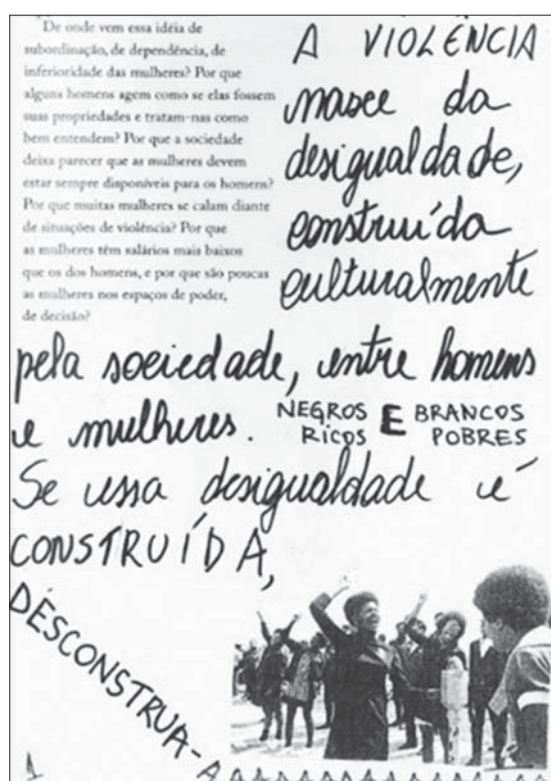


Figura 4. Zine Reajá

Essas perguntas, aparentemente sem resposta, indicam um funcionamento da sociedade em que a mulher não tem lugar. Para a sociedade, a mulher só não é uma intrusa se tiver atitudes de submissão ao discurso dominante patriarcal; se a mulher reagir, poderá ser vítima de violência a qual se baseia na desigualdade de gênero construída culturalmente. A interpelação da Marcha é para que as mulheres “destruam” (em uma atitude de resistência pela violência?) essa desigualdade, uma vez que esta foi construída e não tem motivos para que ainda seja mantida. A luta feminista estará em criar alianças para que essa ruptura seja possível. Se por um lado o discurso fanzineiro inscreve perguntas com efeito de denúncia do que está naturalizado para a mulher como lugar de violência, de silêncio e de impedimento, por outro mobiliza respostas fazendo movimentar as reações possíveis, as rupturas necessárias e as ordens de combate. Apontamos que o funcionamento das respostas é dado pelo imperativo, o que indicia um modo de responder ao que está posto com a força (e por que não dizer a fúria?) de uma ordem de comando.

Nas páginas seguintes do zine, por meio de um discurso da instrução, interpela-se a mulher, dizendo sobre a violência. No zine, expõem-se o ciclo da violência e seus diversos tipos, aos quais a mulher está submetida, tais como: 1. Ameaça; 2. Violência sexual; 3. Atentado violento ao pudor; 4. Estupro; 5. Calúnia; 6. Discriminação por opção sexual; 7. Racismo; 8. Indução ao suicídio; 9. Homicídio. Há também uma explicação sobre essa violência e o modo como a mulher deve agir. A imagem da mulher com a mão levantada tanto poderia indicar o basta às diferentes formas de violências às quais ela está exposta, como também um gesto de defesa ao ato de violência do sujeito que a agride. No final de todas as explicações e instruções, há o seguinte dizer: “Precisamos juntos lutar contra a impunidade”:



Figura 5. Zine *Reajá*

Pelo dizer do coletivo, há uma impunidade em relação à violência contra a mulher e a luta é de toda a sociedade, não só das mulheres. Ao usar “juntos” e não “juntas”, aponta-se para algo que afeta a todos os sujeitos partícipes da vida em sociedade: homens, mulheres, crianças, jovens, familiares. Aqui a interpelação não é só do sujeito-mulher, mas sim de todos os indivíduos que vivem na sociedade patriarcal. Já, no dizer “Ensina os seus filhos a respeitar Mulheres!”, há uma indefinição do sujeito do verbo ensinar. Quem deveria ensinar os filhos: as mães, os pais, a sociedade? Acreditamos que com esse dizer a Marcha das Vadias reafirma uma memória acerca da mulher como propagadora do machismo, uma vez que, em geral, é ela a responsável pela educação dos filhos. Todavia, a interpelação pelo coletivo busca atualizar essa memória, ensinando a mulher a não aceitar e, assim, não propagar atitudes machistas.

Após essa instrução e convite à militância, há uma página que mostra a diferença na educação de meninos e meninas:

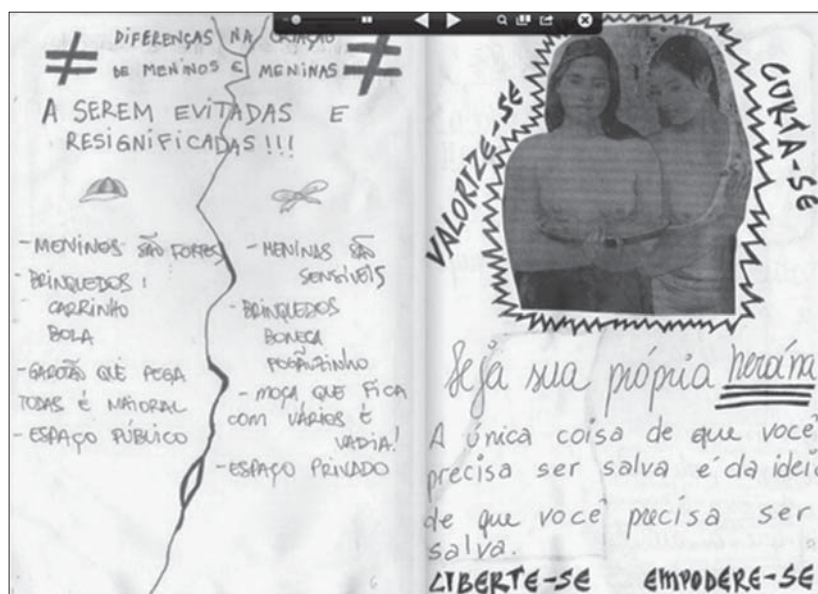


Figura 6. Zine Reajá

Essa diferenciação está sustentada em uma memória estabilizada na sociedade em relação ao homem e à mulher. A ela, o espaço privado, ou seja, o lar; a ele, o espaço público. A ele, a posição de “garotão”; a ela, a posição de “vadia”. O coletivo, ao trazer essa memória, busca rompê-la. Interpela-se a mulher para que esta “valorize-se”, “curta-se”. Vemos uma ambiguidade nesse “valorize-se”. Embora pelo dizer da Marcha o “valorizar-se” vai em direção ao aceitar-se como mulher, libertar-se e empoderar-se, podemos lê-lo também, atravessado por uma memória sobre o feminino, que a mulher deve se dar ao respeito, isto é, que ela deve saber se comportar, deve saber se vestir, deve se dar o valor. Na tentativa de ruptura, o discurso-outro, que violenta a mulher pedindo para ela valorizar-se, faz-se forte e produz sentidos no dizer da Marcha. Nas páginas seguintes, a questão da sororidade começará a ser desenvolvida:



Figura 7. Zine Reajá

Temos nessas páginas a interpelação da mulher para que esta faça parte da “revolução feminista”. Mesmo não querendo participar de coletivos, a mulher e outra amiga (relação de sororidade) podem revolucionar por meio de ações cotidianas suas vidas. A interpelação pelo movimento feminista constitui-se nas formulações de discursos com os quais as mulheres identifiquem-se e reconheçam-se enquanto sujeitos que agem na sociedade. A busca pelo coletivo é que a mulher ocupe a posição de mulher militante, que saia em luta por uma revolução feminista, que pratique o feminismo por meio da sororidade. Para tal, a colagem discursiva produzida pelo fanzine nos remete à heterogeneidade constitutiva de todo dizer, aqui marcada (AUTHIER-REVUZ, 1990, 1998) de modo bastante interessante: a fotografia em preto e branco de trabalhadoras, o quadro de Di Cavalcanti com um tema recorrente em sua obra – a mulata – e o autorretrato de Frida Kalho. Tais mulheres se postam olhando o leitor do fanzine, instalam-se em pé, de frente, em posição de reivindicação tal como os dizeres instalam. Mulheres fotografadas e representadas pela pintura, mulheres com a voz atenta de dizerem de si, do seu corpo e do seu trabalho.

O zine *Reajá* traz uma definição do que é sororidade, a qual está relacionada às dimensões ética, política e prática do feminismo. A sororidade, pela definição, é uma experiência subjetiva pela qual as mulheres devem passar com a finalidade de eliminarem todas as formas de opressão entre elas. É, além disso, conscientizar as mulheres sobre a misoginia. É um “esforço pessoal e coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres”. É, por fim, empoderar a mulher. Pela definição, as relações entre as mulheres são colocadas em evidência. Essas relações são conflituosas. A própria mulher, às vezes, não “valoriza” outra mulher. A luta feminista também é para que isso se efetive, ou seja, há a tentativa pelo coletivo de romper com uma forma de violência contra a mulher praticada pela própria mulher, por não ter consciência de suas relações de companheirismo com a outra. O coletivo, por meio do zine, tenta evidenciar o sentido de sororidade com o objetivo de romper com o discurso patriarcal. A sororidade passa a ser uma “prática feminista”, a qual permite “as mulheres serem coerentes e potencializa a cultura feminista”. A interpelação se dá aqui de modo a “conscientizar” a mulher da posição que ela deve ocupar na sociedade. Além de militante, deve praticar a sororidade. Não é uma luta de uma só mulher, mas sim de todas, unidas pela sororidade.

Na página seguinte do zine, temos um quadrinho em que vemos as relações de sororidade:



Figura 8. Zine *Reajá*

No primeiro quadrinho, há uma espécie de inimizade entre as irmãs e a “gata borralheira”. Relembrando o conto infantil, o tão esperado baile para a escolha da princesa. A gata borralheira formula seu discurso mostrando como a atitude do príncipe é machista e convence as irmãs a também não participarem do baile. No final, as irmãs unidas pela sororidade e o príncipe diante de uma pichação, com o símbolo da luta feminista.

A Marcha aponta para uma sustentação das desavenças entre as mulheres pela sociedade patriarcal. O coletivo ressalta que a sociedade, em uma espécie de troca, usa as mulheres para produzirem a violência. Diante disso, uma das lutas feministas é combater essa inimizade, não só fortalecendo, mas promovendo a sororidade. Ao estabelecer essas relações de sororidade, as mulheres conseguiriam lutar para eliminar as formas de opressão, violência e exploração que envolve o “segundo sexo”.³

Há uma parte do zine com desenhos que trazem o órgão sexual feminino em evidência. Como um discurso da instrução, indicam-se as partes que compõem a genitália feminina:

³ Expressão de Simone de Beauvoir ([1949] 1970) para referir-se à mulher.

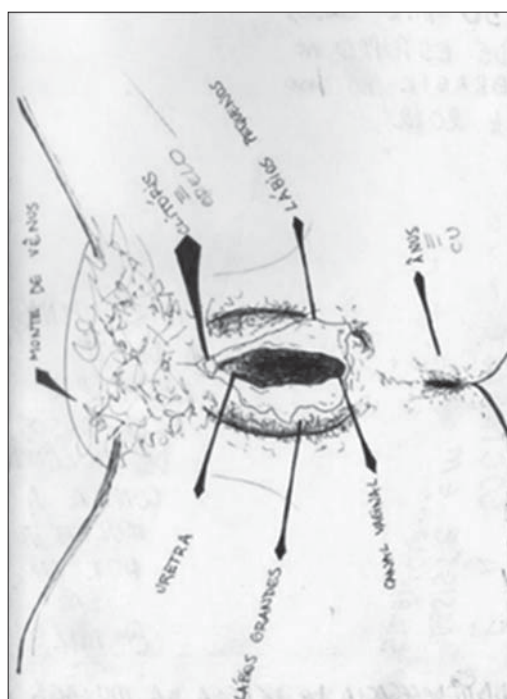


Figura 9. Zine *Reajá*

O movimento feminista busca em suas publicações valorizar o órgão sexual feminino, em uma tentativa de ruptura a discursos que buscam colocar a mulher como assexuada, sem prazer. Marcamos aqui dois pontos que julgamos importantes: i. a vagina é desenhada de cima, ângulo em que dificilmente uma mulher veria a si mesma; ii. vista por outro(a), a posição de destaque faz um “infográfico” funcional de cada parte do órgão, nomeando-o, dando uma indicação do que seria esclarecedor e organizador de/para os sentidos de vagina. Em alguns casos, o fanzine faz a “tradução” de “ânus” para “cu” como passagem de um discurso mais formal para outro dado pelo coloquial, o que indica a tentativa de ser mais preciso ou mais claro na denominação, ou para promover o rompimento do esperado, já que dificilmente “cu” apareceria em uma enciclopédia, dicionário ou jornal. Para sustentar essa ruptura, o zine traz um quadrinho da Garota Siririca, elaborado pela Lovelove6, por isso a relação entre as páginas,⁴ o qual sustenta que a mulher deve se tocar para ter prazer:

⁴ Como mostramos em outro trabalho (GARCIA; SOUSA, 2014, p. 91), nas páginas do Facebook da Marcha das Vadias, o arquivo é constituído por textos, charges, vídeos, campanhas, fotos. Esses materiais dividem-se em dois tipos: um produzido pela Marcha das Vadias e divulgado na página do movimento, por exemplo, o zine *Reajá*, e outro elaborado por outros movimentos sociais, outros sujeitos, não necessariamente militantes da Marcha das Vadias, mas que sustentam as lutas feministas, e que são divulgados nas páginas da Marcha por meio de *links*, como exemplo o quadrinho da Garota Siririca.



Figura 10. Zine Reajá

Há um pedido pelo coletivo de uma não moralização do prazer. A formulação “moralização do prazer” filia-se ao discurso religioso, o qual busca relacionar o sexo à reprodução e não ao prazer. A proposta do zine é interpelar a mulher para que esta rompa com essa moralização, com esse discurso religioso que se faz tão presente na sociedade, principalmente quando se trata da sexualidade feminina.

Ademais, o prazer não estaria na “mão do patriarcado”, do homem, e sim na “mão” da mulher, no toque feminino a seu corpo, na busca pelo gozo que a constitua como mulher, mas acima de tudo que a constitua com um sujeito com desejos e voz na sociedade patriarcal:



Figura 11. Zine Reajá

Para finalizar, o zine *Reajá* interpela a mulher, convidando-a para militar pelas causas feministas, interpelando-a a reagir contra as diferentes formas de violência no seu dia a dia. A divulgação do zine no ciberespaço potencializa as discussões feministas, ampliando a circulação além do espaço público. Os laços feministas na rede, constituindo uma cibermilitância, se instauram por meio das relações entre as páginas do Facebook dos coletivos, aqui, da Marcha das Vadias e da Lovelove6. Ao divulgarem o zine no ciberespaço, a circulação de uma produção e a reflexão que ocorreu anteriormente no espaço urbano, no espaço público. A sororidade no ciberespaço se constitui pelos compartilhamentos de dizeres feministas que sustentam diferentes lutas das mulheres. As lutas feministas farão parte do arquivo digital e circularão na rede, mostrando quais são os desejos das mulheres. Nas relações de sororidade, alianças pela luta feminista, aliança por uma posição legitimada na sociedade à mulher, não mais a submissa, mas a que luta, tanto no espaço público quanto no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, 1990.
- _____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BEAUVOIR, S. de (1949). *O segundo sexo*. Fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CESTARI, M. J. As mesmas e as novas mulheres do feminismo brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1471-1484, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/el42_v3_set-dez_14_v2.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2014.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2014.
- HENRY, P. A história não existe? In: ORLANDI, E. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- INDURSKY, F. Unidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória das noções de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. (Col. Ensaios, 22).
- MAGALHÃES, H. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. A mutação radical dos fanzines. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2 a 7 set. 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, MG: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/23855420395572684142017768791080460345.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2014.
- MITTMANN, S. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3., 29 a 30 out. 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, MG, 2009. Disponível em: <<http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a-a-apropriacao-do-ciberespaco.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2014.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

_____. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 264, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003>. Acesso em: 24 jun. 2014.